

Entre duas pátrias: o bilinguismo de Fernando Pessoa

Patrícia Ferreira*

Keywords

Fernando Pessoa, bilingualism, English, Portuguese, homeland

Abstract

By stating "A real man cannot be, with pleasure and profit, anything more than bilingual." Fernando Pessoa clearly emphasized one of the traits that undoubtedly marked all his life and work. This paper aims to gather and review the main reflections that biographers and critics of Pessoa made on his bilingualism. I will also take in consideration what Pessoa himself had written on this subject. The main contribution of this brief essay is to draw attention to the importance of the relationship of Pessoa with English language and English and American Literatures, a subject that deserves to be investigated more closely.

Palavras-chave

Fernando Pessoa, bilinguismo, inglês, português, pátria

Resumo

Ao afirmar "A real man cannot be, with pleasure and profit, anything more than bilingual.", Fernando Pessoa enfatizou de forma evidente um dos traços que marcou inegavelmente toda a sua vida e obra. O presente ensaio visa reunir e comentar as principais reflexões que os biógrafos e os críticos pessoanos têm feito sobre o bilinguismo do poeta, não esquecendo igualmente o que o próprio Pessoa deixou escrito sobre esta questão. Com este trabalho pretende-se, acima de tudo, chamar a atenção para a importância da relação de Pessoa com a língua inglesa e com as literaturas inglesa e americana, assunto que merece ser investigado com mais atenção.

* Brown University, Department of Portuguese and Brazilian Studies.

A real man cannot be, with pleasure and profit, anything more than bilingual. One language, even if carefully codified in its rules and precisions, is difficult enough to hold and spread out; two are the human limit for any man who is not born to suicide as a philologist of the useless.

Fernando Pessoa¹

No capítulo intitulado “Pessoa bilingue” inserido em *Pessoa Existe?*, Jerónimo Pizarro refere o facto de a frase de Pessoa “Minha pátria é a língua portuguesa” (que surge num dos fragmentos do *Livro do Desasocego* [ou Desassossego]) ser muitas vezes citada fora do seu contexto e até manipulada politicamente², fazendo esquecer ou desvalorizar o bilinguismo de Pessoa. Se os leitores e os críticos têm, como deixa transparecer Pizarro, prestado pouca atenção a este traço que marca a vida e a obra pessoanas³, o mesmo não o fez o poeta. A citação que colocamos em epígrafe, a par de muitas outras reflexões que Pessoa deixou sobre a linguagem e as línguas, ilustra, de facto, a importância que o poeta atribuía ao seu próprio bilinguismo.

Descontado o tom irónico e humorístico, esta afirmação de Pessoa tem o mérito de apontar para as vantagens cognitivas que os linguistas dedicados à aquisição de uma segunda língua têm vindo a atribuir ao bilinguismo⁴. Este breve

¹ Cf. “Babel – or the Future of Speech”, in *Pessoa Inédito* (Lopes, 1993: 154; texto 43; cota 123-96^r).

² Esta ideia foi apresentada por Onésimo Almeida, em 1985, numa comunicação oral, e em 1987 publicada num ensaio intitulado “Sobre o sentido de ‘A minha pátria é a língua portuguesa’”. Este ensaio foi recentemente republicado em *Pessoa, Portugal e o Futuro*: “Haverá provavelmente poucas frases de Pessoa tão citadas como essa do heterónimo Bernardo Soares. Servido tem ela de glosa e enfeite em tanto discurso político, como usada tem sido nos mais díspares contextos, o que aliás vem acontecendo com o seu próprio autor. Não raro, também foi argumento delirante para a superioridade poética da língua portuguesa que um génio como Pessoa bem cedo na sua vida teria conseguido discernir” (Almeida, 2014: 221). Sobre as interpretações descontextualizadas desta frase pessoana, leia-se também o artigo de Osvaldo M. Silvestre, “A minha pátria é a língua portuguesa (desde que a língua seja minha)” (2008).

³ O estudo de Arnaldo Saraiva intitulado *Bilinguismo e Literatura*, publicado em 1975, é apenas um exemplo dessa falta de atenção. Neste estudo, o académico tece importantes reflexões sobre o fenómeno do bilinguismo, da sua presença ao longo dos vários períodos literários e sobre o bilinguismo e a sua relevância cultural, bem como a sua importância na obra de Samuel Beckett. Sendo conhecedor do universo pessoano, é pena que Saraiva não tenha feito mais do que uma referência breve à célebre frase de Pessoa e duas alusões muito circunstanciais ao seu bilinguismo.

⁴ O bilinguismo é, em traços gerais, a capacidade de um indivíduo se exprimir numa segunda língua seguindo as estruturas linguísticas que são próprias dessa língua. Após vários estudos que tiveram o seu início nos anos 60, é hoje inegável a relação positiva entre inteligência e bilinguismo, assim como os efeitos positivos na cognição e metacognição dos indivíduos bilingues, quer no domínio verbal, quer não verbal. São abundantes os estudos sobre estas questões e numerosas as definições deste fenómeno. Ver, por exemplo, K. Hakuta (1986); e *The Handbook of Bilingualism*

trabalho não tem como objetivo apresentar nenhuma reflexão linguística ou psicolinguística sobre estes assuntos, mas tão somente refletir sobre o papel e a importância do bilinguismo na vida e obra de Fernando Pessoa, pelo que nos serviremos apenas superficialmente da literatura da especialidade. O objetivo do presente ensaio é especificamente reunir e comentar as principais reflexões que os biógrafos e os críticos pessoanos têm feito sobre esta questão, não esquecendo igualmente o que o próprio poeta deixou escrito sobre ela⁵.

Tal como vários autores já notaram (Severino, 1983; Jennings, 1984; e Bréchon, 1996; entre outros), ao longo dos anos vividos na África do Sul (dos 7 aos 17 anos, com uma estadia de um ano em Portugal pelo meio), Pessoa foi intensamente exposto ao inglês, aos livros (sobretudo de autores ingleses) e à cultura britânica. O resultado foi, naturalmente, a assimilação da nova língua e cultura – o seu modo de ser, pensar e fazer começaram a ser também britânicos⁶. Note-se que a leitura sistemática dos autores portugueses é feita bastante mais tarde (provavelmente entre 1905 e 1908), quando a sua “estrutura mental” já não é apenas portuguesa. A aculturação de Pessoa ao mundo inglês é descrita por John Wain (um admirador pessoano, falante nativo de inglês, e também ele escritor) em forma de verso e até com um certo tom humorístico:

*Mr. Person did not need to look for England:
he carried a little of her inside himself.
He wrote some poems in English.
He often had English thoughts.
He once saw Queen Victoria, for God's sake!
It happened in South Africa,
when he was at school in Durban.*

(*apud* Monteiro, 1998: 12)

Durante a época que Pessoa viveu em Durban, a língua portuguesa terá passado, sem surpresas, para um segundo plano, mas nem por isso, de acordo com os seus principais biógrafos e críticos, esse facto terá feito do poeta um falante nativo de inglês. Com efeito, nesse período, para Gaspar Simões, Pessoa pensava em inglês e sentia em português. Já para Onésimo Almeida, o que é relevante nesse

(2005). Sobre a experiência de poetas que escreveram em outras línguas que não as suas línguas maternas, veja-se, por exemplo, L. Forster (1970).

⁵ O escopo deste artigo é a relação de Pessoa com a língua inglesa, porém, é importante notar que no caso deste poeta poderá inclusivamente falar-se de trilinguismo, já que também era proficiente também e nesta língua Pessoa escreveu cerca de 200 poemas. Sobre este assunto, ver Pessoa, *Poèmes français* (2014).

⁶ Já na década de 50, Maria da Encarnação Monteiro explica que o universo da língua e da cultura inglesas na vida e obra de Pessoa constitui mais do que um caso de influências em sentido restrito, já que se trata “do efeito de uma longa imersão num ambiente cultural estranho, que o Poeta assimila por completo, pois é para ele transplantado na idade mais propícia” (1956: 14).

período de formação é o facto de Pessoa ter passado por uma “osmose linguística e cultural”, uma “experiência múltipla e superficial” em língua inglesa (2014: 227). Deste modo, parece certo que durante aqueles anos em Durban, Pessoa tenha começado a usar simultaneamente as duas línguas, aprendendo e aperfeiçoando os seus conhecimentos de inglês no contexto formal da escola e em atividades intelectuais, e praticando a sua língua materna no contexto informal e familiar. Segundo Almeida, a experiência no mundo inglês foi fundamental para Pessoa, embora isso não signifique a anulação da identificação do poeta com o universo da sua língua materna. Leia-se:

Pessoa mergulhou no mundo cultural inglês e, devido à sua inteligência e sensibilidade, penetrou-o e deixou-se dele penetrar em profundidade, mas essa osmose não se operou a ponto de substituir no seu cérebro as impressões originais determinadoras da identificação cultural naquilo que uma personalidade, “o eu”, tem de mais profundo.

(2014: 228)

Richard Zenith parece partilhar desta mesma opinião. Na introdução a *Fernando Pessoa – A Little Larger Than the Entire Universe*, o tradutor explica:

Pessoa's basic personality was no doubt set in place before moved with his mother from Lisbon to Durban, but his literary output was clearly the product of the meeting, or clash, of those two environments and their different languages, their different cultures. It's as if English culture – and Durban, at the time, was more thoroughly, traditionally English than England itself – were a wall that young, displaced Pessoa successfully jumped over, while remaining forever and utterly Portuguese.

(2006: xiv)

Em *Pessoa Existe?*, Pizarro não se posiciona sobre o grau de anglicidade de Pessoa, mas afirma que este foi incontestavelmente um “anglómano”⁷ e naturalmente bilingue, sendo que a prova disso é tanto a extensíssima obra que Pessoa deixou escrita em inglês, quanto a sua vastíssima biblioteca de autores ingleses e em língua inglesa. Ao mencionar que a famosa frase sobre a pátria de Pessoa foi escrita provavelmente em 1931 e tendo em conta a íntima ligação de Pessoa com o inglês, Pizarro esboça a seguinte tese: “a língua inglesa foi (pelo menos parcialmente) também uma pátria de Pessoa”, e terá sido a sua segunda casa (2012: 156). É curioso lembrar que a metáfora da casa é igualmente usada por Onésimo Almeida quando comenta o fragmento do *Livro do Desassossego* em que se insere a célebre frase. Embora extensa, vale a pena citar esta passagem não só pelo que ela encerra de argúcia e clareza, mas também pelo facto de nela o crítico tentar ser fiel ao verbo pessoano, afastando-se assim das leituras políticas e empobrecedoras que já foram feitas deste fragmento:

⁷ A expressão é, como indica o crítico, de Octavio Paz.

Pessoa ouve no seu íntimo o verbo de Vieira. “Aquela grande certeza sinfónica” entra em sintonia com o que está impresso no seu subconsciente. Não é apenas a infância (que Pessoa até diz não ser), mas o registo de uma música – a da língua – que, por processos ainda hoje inextricáveis, como que imprime carácter por chegar ao cérebro primeiro do que qualquer outra e vai servir pela vida fora de som-padrão, com uma melodia e ritmo próprios que reagirão sempre num movimento de identificação cada vez que for desperta por uma melodia entoada nesse tom ou nesse mesmo comprimento de onda, ou nesse mesmo código, se se preferir. Pessoa, ao ouvir ainda na memória o português de Vieira, foi tocado nas estruturas profundas dos seus registos linguísticos e sintonizou, enfatizou com ela, sentiu nela algo de seu. Sentiu-se *em casa*. Não se “naturalizou” nesse momento, como sugere Simões. A naturalização é o processo de adopção de uma pátria que não é a nossa e, para mais, na maior parte das vezes essa naturalização (adopção) é apenas legal. Pessoa não se naturaliza. Reconhece existir algo fundamental entre ele e essa língua. Identifica-se com ela. Em traços largos, identificar-se significa exatamente estabelecer-se a igualdade entre duas realidades. No caso, a identidade entre o eu de Pessoa e a língua de Vieira. Evidentemente que o “eu” não se reduz apenas à língua, mas essa língua é parte constituinte essencial do eu e daí a identificação. Pessoa reconhece-se na sua língua e nela se sente *em casa*.

(2014: 234-235, itálicos nossos)

Tendo o português como primeira “casa” – aquela com cuja sonoridade se identifica – e o inglês como segunda “casa”, Pessoa não pode deixar de ser senão bilingue. Precisamos de esclarecer, desde já, que o bilinguismo não é um fenómeno estático, mas sim dinâmico. Ou seja, as competências comunicativas (auditivas, orais, escritas e de leitura) de um indivíduo bilingue vão sofrendo alterações ao longo do tempo, tendo em conta as próprias circunstâncias e necessidades comunicativas. Assim, se durante o período na África do Sul, Pessoa mergulhou na cultura inglesa para atingir “com oito ou nove anos [...] um domínio perfeito do inglês”, como refere Bréchon (1996: 47), quando regressa a Portugal e passa a escrever assiduamente em português, a língua inglesa terá assumido um segundo plano e perdido alguma vitalidade, mas o seu domínio não é afetado – aliás, como se sabe, Pessoa não só continuou a ler em inglês, como a fazer traduções e a escrever cartas comerciais nessa língua. No prefácio ao volume *Poesia Inglesa*, Richard Zenith explica, no entanto, que os textos escritos em inglês por Pessoa apresentam vários registos, umas vezes mais arcaizantes, outras mais coloquiais, e que essas variações foram ficando mais proeminentes com o passar do tempo. Ainda que não mencione nenhum exemplo concreto, Zenith afirma:

Embora o inglês de Pessoa tenha piorado com a idade – nota-se uma tendência para traduzir para esta língua modos de dizer especificamente portugueses – ganhou em espontaneidade de expressão, tendo perdido as veleidades de concorrer com a linguagem de Shakespeare.

(2007: 16)⁸

⁸ Note-se que o fenómeno de translação é frequente em indivíduos bilingues.

123 - 96

Babel - or the Future of Speech.
Language.

A real man cannot be, with pleasure ~~and~~ profit, anything more than bilingual. One language, even if carefully codified in its rules and precisions, is difficult enough to hold and spread out; two are the human limit for any man who is not born to ~~XXXXXXXX~~ ~~XXXX~~ as a philologist of the useless.
suicide

We must make English the Latin of the wider world. To that end not only does a great population concur, but also a great literature and a great power of a still greater literature. possibility

Temos que pactuar com a realidade. Não podemos fazer da lingua portugueza o privilegio da humanidade. Podemos, porém, convertel-a em metade de tal privilegio. Os Deuses não nos concedem mais: não podemos aspirar a mais.

Concentremo-nos no portuguez, como elle se houvesse de ser tudo; não esqueçamos porém que elle pode não poder ser mais que metade de tudo.

O Quinto Imperio todo pelo espirito - metade pela verbo.

Usando do inglez como lingua scientifica e geral, usaremos do portuguez como lingua literaria e particular. Teremos, no imperio como na cultura, uma vida domestica e uma vida publica. Para o que queremos aprender leremos inglez; para o que queremos sentir, portuguez. Para o que queremos ensinar, fallaremos inglez; ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ portuguez para o que queremos dizer.

*Just, so affords & no remission
by the under given, with some
be aware to the particular.*



Fig. 1. BNP/E3, 123-96.

Os biógrafos pessoanos são unânimes quando sublinham o facto de Pessoa ter ficado alheio ao mundo cultural inglês sul africano⁹ mas ter mergulhado intensamente na cultura inglesa, cujo *imput* lhe chegava através dos livros. Na senda de Bréchon e Jennings, Onésimo Almeida observa a este propósito que “Pessoa nem sequer viveu no mundo cultural autêntico que corresponde a esse mundo inglês a que os livros lhe davam acesso” (2014: 232). Talvez seja por isso que o seu inglês foi, desde cedo, considerado demasiado livresco, rebuscado, mental e académico. Na introdução à antologia traduzida e editada por Richard Zenith, em 2006, e cujo título citamos anteriormente, o tradutor parece não ter dúvidas sobre a falta de autenticidade e naturalidade do inglês de Pessoa, o que o leva a enfatizar mais as ideias e as emoções que os poemas em inglês contêm e não tanto os seus aspetos formais. Leia-se a argumentação de Zenith:

Pessoa’s English was the English of the books he read, and these included contemporary novelists [...], but it lacked the brutal naturalness of a mother tongue. His English, though fluent in the literal sense of that word, was his English – a more literary, slightly archaic, and occasionally stilted variety of the language. The poetry he wrote in it is interesting for the ideas and emotions it contains, as well as for its skilful use of poetic devices, but like a piano out of tune or a camera out of focus, Pessoa’s English introduces a slight distortion that marks the overall effect.

(2006: xviii-xix)¹⁰

Em *Etrange étranger (biographie de Fernando Pessoa)*, Bréchon dá a entender que a insistência na falta de autenticidade do inglês de Pessoa tem sido usada como argumento pelos autores que desvalorizam a obra pessoana em inglês, com o objetivo de enfatizarem a naturalidade com que Pessoa escrevia na sua língua materna. Esta é, aliás, uma questão que se presta a várias nuances interpretativas. Embora não tenha dado nenhum exemplo concreto, Jorge de Sena sublinha a ideia

⁹ A ideia de que Pessoa ficou à margem do mundo sul africano tem sido repetida várias vezes devido sobretudo à falta de documentos no espólio do poeta relacionados com as suas vivências em Durban e à falta de autores que tenham preservado a memória do poeta naquela cidade. No entanto, uma pesquisa apresentada por Stefan Helgesson na Casa Fernando Pessoa no dia 3 de Julho de 2014 e intitulada “*Pessoa, Anon and Durban: reconstructing a forgotten context*” prova que o envolvimento do poeta com a realidade cultural e histórica sul africana não terá sido tão superficial quanto se tem afirmado. A comunicação de Helgesson integrou-se no evento “Fernando Pessoa’s English Poetry – A tribute to Georg Rudolf Lind” organizado por Patricio Ferrari. Este evento mostrou não só a enorme relevância da produção poética que Pessoa deixou em inglês, como também a ligação de Pessoa com os escritores ingleses e americanos, sublinhando que há nesta área muito para se explorar.

¹⁰ Zenith retoma esta ideia em 2007 quando afirma (em português): “Prevalece a noção de que a poesia em inglês é interessante pelas suas ideias e pela relação que tem com o resto da obra pessoana, e não como poesia em si mesma. Concorro com este parecer, por considerar que a poesia não está por detrás ou no fundo das palavras: é as próprias palavras, com o peso das camadas de uso e significado que adquiriram ao longo de várias gerações, se não de vários séculos” (2007: 15).

de que a influência da segunda língua parece ser tão grande que Pessoa “pensou em inglês o que escrevia em português; daí o segredo do seu estilo inimitável, tanto em verso como em prosa” (*apud* Bréchon, 1996: 47)¹¹. Richard Zenith alarga, de certo modo, esta visão ao propor que o inglês participa no universo pessoano tanto no estilo de escrita, quanto na forma de organizar e expressar o pensamento. Numa entrevista ao *Ipsílon*, em janeiro de 2013, Zenith enfatiza o modo inglês que Pessoa tinha ao escrever português. Quando confrontado sobre a influência do inglês na escrita do poeta, a resposta de Zenith reverbera a opinião de Sena:

Pessoa tinha uma maneira um bocado inglesa de tratar as coisas, gostava muito de exprimir-se em sequências lógicas: 1, 2, 3... Mas também sinto o inglês na escrita criativa de Pessoa. Os seus poemas ingleses mais importantes são aqueles que escreveu em português. Vejam-se os poemas de Campos e Caeiro, nos quais a influência da prosódia e da sintaxe inglesa são claras.¹² E também no *Livro do Desassossego* se sente o inglês, por exemplo no uso de pronomes pessoais que não são necessários, ou na maneira como usa a repetição. Em português, faz-se tudo para não se usar duas vezes a mesma palavra numa frase; em inglês, ninguém se importa muito com isso, e Pessoa também não se importava.

(2013: 18)

Ainda que sejam críticos do inglês de Pessoa, classificando-o de “excessivamente literário e até arcaizante” (Sena 1984: 317) ou não tendo a coloquialidade do inglês de um falante nativo¹³, talvez não se possa simplesmente dizer que Sena e Zenith encarem negativamente a maneira inglesa de Pessoa “tratar as coisas” e que, por conseguinte, pensem que tal maneira possa diminuir a qualidade poética da escrita de Pessoa em português. Na verdade, o que nos parece mais relevante concluir das opiniões destes dois autores é não o facto de Pessoa ser ou não um bilingue perfeito¹⁴ (se é que isso seja possível), mas sim a evidência de que o indivíduo bilingue – como foi Pessoa – está em trânsito constante, servindo-se das duas línguas para expressar e construir significados e,

¹¹ Ao comentar a posição de Sena, no seu estudo *Fernando Pessoa na África do Sul*, Alexandre Severino argumenta discretamente (numa breve nota de rodapé) que seria difícil “sustentar a afirmação que o poeta pensava sua obra em inglês” e acrescenta que “[a] língua inglesa atuou no conjunto e não no específico de sua formação artística” (1983: 32).

¹² Zenith não apresenta nenhum exemplo concreto a este respeito. Para uma análise aprofundada da influência da métrica e prosódia da língua inglesa na poesia destes heterónimos escrita em português, veja-se a tese de doutoramento de Patricio Ferrari (2012) citada mais à frente neste trabalho e incluída na bibliografia (em particular o capítulo III).

¹³ Leia-se: “They [os poemas em inglês] do not fall well on modern ears. They never have the sparkle, the music, the colloquial verve, or the quiet elegance achieved at different points in his Portuguese output [...] Though Pessoa wrote excellent English for a foreigner, it lacked the organic fiber and carnal weight of what is so aptly known as a mother tongue” (Zenith, 1998: 26).

¹⁴ Cf. “contrary to what some scholars have supposed, Pessoa was not perfectly bilingual” (Zenith, 1998: 25).

algumas vezes, até sem se aperceber imediatamente da passagem de uma língua para a outra ou das interferências de uma língua na outra.

Gianluca Miraglia contribuiu para este debate com uma argumentação muito esclarecedora, sobretudo ao colocar a questão não ao nível da língua propriamente dita, mas sim ao nível da língua literária. Leia-se:

O problema [do bilinguismo] ter-se-á, então, de colocar não ao nível *tout court* da língua normal, mas sim ao da língua literária [...]. Na abordagem da poesia inglesa de Pessoa é necessário distinguir claramente entre textos como os dos 35 *Sonnets*, baseados numa poética que faz do desvio da língua comum a sua característica essencial, mercê do recurso contínuo a um léxico arcaico e a uma sintaxe complexa, e outros poemas, como é o caso dos reunidos no volume *The Mad Fiddler*, nos quais a linguagem utilizada resulta mais próxima do idioma comum.

Para determinar a fluência e a naturalidade do inglês de Pessoa, há textos que se prestam a uma eficaz análise comparativa como é o caso das auto-traduições dos primeiros 134 versos da “Ode Marítima”, de algumas estrofes de “Opiário”, e dos dois poemas “Tenho uma grande constipação” e “Apostilla”.

(2007: 328)

De uma forma geral, quando se fala do bilinguismo de Pessoa e se refere a falta de autenticidade do seu inglês, está a fazer-se uso desse termo numa aceção conceptual mais alargada, que considera bilingues os indivíduos que apresentam um grau diferente de proficiência em cada uma das línguas que usam, e não tanto numa aceção mais restrita, que estipula que um indivíduo para ser bilingue tem de exibir uma competência nativa ou quase-nativa das duas línguas em causa. Assim, mesmo que se diga que o inglês de Pessoa era bastante livresco, esse facto não diminui as suas capacidades como bilingue e, cremos, apenas deve servir para dar conta das circunstâncias muito específicas que subjazeram ao contexto formal em que este aprendeu e praticou aquela língua. É neste sentido que entendemos as palavras de Zenith incluídas no prefácio ao volume *Poesia Inglesa*: “Pessoa era bilingue, sim, mas o português era a sua língua materna e o inglês a dos estudos e leituras, uma língua ‘elevada’, que habitava a sua cabeça sem ter raízes nas suas entranhas” (2007: 16). Dizer que o inglês de Pessoa é livresco, sem se alargar o debate de forma positiva, corre-se o risco de se diminuir o papel crucial que a língua inglesa teve no desenvolvimento cognitivo de Pessoa no seu período de formação, assim como de desvalorizar a influência que essa língua teve no seu desempenho da língua materna. Não deixa de ser curioso que Zenith (falante nativo de inglês) afirme que os poemas ingleses de Pessoa “mais importantes são aqueles que escreveu em português”. A tal “osmose linguística e cultural” (227) no mundo de língua inglesa de que fala Onésimo Almeida terá, assim, influenciado decisivamente a performance linguística de Pessoa na sua língua materna.

Quando, em 1998, publicou *The Presence of Pessoa – English, American, and Southern African Literary Responses*, George Monteiro (ele próprio bilingue) confirmou o bilinguismo de Pessoa sem qualquer restrição. Leia-se:

Since he spent his formative years in a city that was culturally British, Pessoa was bilingual. Most of his poems, in fact, were composed in English. Only after returning definitely to Lisbon in 1905 did he return to composing principally in Portuguese. Not surprisingly, he ultimately did his best work in his native tongue.

(1998: 3)

Num recente seminário sobre Fernando Pessoa na Brown University, George Monteiro elogiou a qualidade literária dos poemas em inglês e referiu mesmo que, se Pessoa tivesse tido um editor que lhe tivesse feito algumas sugestões linguísticas (como sempre acontece com todos os autores que publicam), o reconhecimento como poeta inglês em vida estar-lhe-ia garantido. O potencial dos poemas de Pessoa escritos em inglês é sublinhado igualmente por outros autores. Monteiro dá um exemplo a este propósito quando cita o comentário que a escritora e crítica inglesa Edith Sitwell escreveu a Jorge de Sena depois de este lhe ter enviado os *35 Sonnets*:

I am most grateful to you for your great kindness in sending me the book, the *Sonnets* are flawlessly formed. Who translated them? Or were they, actually, written in English? I imagine they were not, but they are so flawless as *Sonnets*, that one can hardly believe they are translations. They are lucid and lucent, – carved from transparent stone that is a trap of light.

(1998: 14)

Esta apreciação extremamente positiva que Edith Sitwell faz aos poemas de Pessoa, merece, pelo menos, duas observações. A primeira é a de que esta autora reconheceu a riqueza e a imensa qualidade poética dos *Sonnets*. E a segunda é a de que ela encontrou neles uma voz próxima da voz nativa, comprovando o alto nível de proficiência em inglês do poeta. Portanto, mesmo que Pessoa não tivesse a naturalidade de um nativo como afirma Zenith, é preciso reconhecer que o seu inglês não parece resultar de uma mera tradução mental da sua língua materna, mas sim de um pensamento que flui em inglês, afinal, como Sitwell declara “one can hardly believe they are translations”. Acreditando nesta conclusão, poder-se-á até dizer que, em algum momento do seu percurso, Pessoa deve ter exibido características de um *balanced bilingual*, isto é, de um indivíduo cujo grau de proficiência nas línguas que conhece é similar, não necessitando de ser exatamente falante nativo dessas línguas. Note-se que a proficiência dos indivíduos bilingues não tem que ser igual nos mesmos domínios linguísticos (audição, oralidade, leitura e escrita) nas duas línguas. Por exemplo, no caso de Pessoa, os factos de 1) ter sido uma criança tímida e introvertida e 2) ter usado o português em casa

durante o seu período de imersão escolar em inglês tê-lo-ão certamente inibido no domínio da oralidade em contextos familiares em inglês, porém isso não quer dizer que, num contexto de total imersão (ou seja, se ele tivesse ido viver para a Inglaterra, como quase aconteceu), ele não pudesse atingir rapidamente um nível de proficiência oral quase-nativo e, conseqüentemente, tornado a sua escrita menos livresca e mais “natural”. A este propósito é curioso mencionar que, de acordo com a pesquisa de Alexandre Severino, Pessoa “escrevia correntemente o inglês” e o seu falar era “fluente e sem sotaque” (1983: 154).¹⁵ Para terminar o comentário às apreciações de Sitwell, convém lamentar, como fez Monteiro, que esta autora não tenha tornado pública a sua opinião sobre os *Sonetos*, pois perdeu-se a oportunidade, uma vez mais, do poeta ser lido e divulgado nos círculos literários ingleses. Na verdade, só “[n]a sua vida póstuma, Pessoa acabou por conquistar a Grã-Bretanha e outros países anglófonos, mas com a poesia e prosa que escreveu em português”, como lembra Zenith (2007: 15).

A qualidade da produção escrita e a vastíssima biblioteca em língua inglesa¹⁶ são provas suficientes para que George Monteiro venha defendendo, há muito tempo, a ideia de que Pessoa queria ter sido um poeta inglês. Alguns dos textos em que o crítico alude a esta questão foram publicados em português num volume intitulado *As Paixões de Pessoa* (2013). Embora não dedique nenhum dos capítulos exclusivamente ao assunto, a posição do crítico reaparece mais do que uma vez ao longo do livro. De facto, para Monteiro, parece evidente que, por muito racionalista que Pessoa tenha sido, isso não o impediu de ter “sonhos pessoais e mais mundanos”, como por exemplo, de ter o sonho de ser reconhecido como poeta de língua inglesa. Aliás, como afirma o crítico, Pessoa “ambicionava ao reconhecimento público, tendo distribuído, às próprias custas, a poesia que publicara em Lisboa por jornais, revistas e bibliotecas de Londres e de outras cidades da Grã-Bretanha” (2013: 13).¹⁷

Para além de tradutor da poesia de Pessoa, George Monteiro tem sido um pessoano minucioso e atento à escrita que Pessoa deixou em inglês, assim como às influências que Pessoa bebeu em autores de língua inglesa e, ainda, à influência que o poeta exerceu sobre outros escritores de língua inglesa¹⁸. Nesse sentido, é

¹⁵ A propósito do sotaque, lembre-se que François Grosjean já explicou que é um mito pensar que os bilingues não têm ou não podem ter sotaque nas diferentes línguas que falam. Veja-se a título de curiosidade alguns comentários breves sobre os mitos relacionados com o bilinguismo: http://www.francoisgrosjean.ch/myths_en.html.

¹⁶ Ver Pizarro, Ferrari & Cardillo (2010), *A Biblioteca Particular de Fernando Pessoa*.

¹⁷ A mesma ideia é expressa por Zenith quando menciona: “Pessoa’s ambition, even after he had returned to Lisbon, was to become a great poet in English, and he continued to produce poems in that language up until one week before his death” (2006: xviii).

¹⁸ Sobre a recepção da obra do poeta no contexto anglo-americano, veja-se também o artigo de José Blanco (2008), “Fernando Pessoa’s Critical and Editorial Fortune in English: A Selective Chronological Overview”.

extremamente relevante o facto de este estudioso validar o sonho do poeta de forma tão clara: “Embora não restem dúvidas que Pessoa se tornou na figura internacional que é hoje devido à sua escrita em português, deve reconhecer-se também que ele, como Keats e muitos outros poetas de toda a ordem, deve ser consagrado nos anais dos poetas de língua inglesa” (2013: 14).

O desconhecimento que subsiste ainda hoje sobre a escrita pessoana em inglês deve-se, segundo Pizarro, em *Pessoa Existe?*, ao “facto de a maioria dos seus biógrafos, críticos e editores”, salvo raras exceções como Georg Rudolf Lind, “provirem de uma tradição francesa” (2012: 156-157) e, por isso, foram menos atentos na descoberta e menos sensíveis na apreciação dos textos em inglês. Com efeito, inúmeros textos do espólio pessoano continuam inéditos. Pizarro estima, por exemplo, que o número de poemas em inglês inéditos ascenda a 1500 e, provavelmente, muitos deles foram escritos até 1920. A diminuição de escritos em inglês após esta data talvez se deva à frustração de Pessoa por não conseguir publicar os seus *English Poems* na Grã-Bretanha (“Meantime” foi o único poema que o autor conseguiu publicar naquele país). Tal posição é partilhada pelos vários biógrafos pessoanos, assim como por Monteiro que, a este respeito, conclui: “É possível que em meados dos anos 1920 tivesse abandonado os esforços para ganhar um lugar na poesia britânica contemporânea” (2013: 13).

Hoje, pelo que se conhece do espólio pessoano, parece certo que, no ano da explosão heteronímica (1914), a produção poética de Pessoa era bilingue e que Pessoa se dedicava particularmente à leitura de autores ingleses, como Wilde e Shakespeare. Em 1968, Georg Rudolf Lind afirmou que Pessoa é, dentro no universo da literatura portuguesa, o “único caso de bilinguismo luso-inglês” (161), tendo sido “um incansável leitor de literatura inglesa toda a sua vida” (*apud* Pizarro, 2012: 162). Como já dissemos, o próprio Pessoa valorizou e elogiou o bilinguismo, praticando-o inequivocamente, tanto como leitor, quanto como escritor, ainda que com o passar do tempo (e porque o seu quotidiano decorria em Lisboa) tenha usado mais o português para fins literários.

A centralidade dos livros e da leitura na vida de Pessoa¹⁹ é referida constantemente pelos seus críticos. Pessoa era um leitor ávido como comprovam a inúmeras anotações e comentários que deixou nas margens dos seus livros²⁰. Nas

¹⁹ Patricio Ferrari, na sua tese de doutoramento centrada na métrica e no ritmo da escrita pessoana, afirma a este propósito: “Be it in prose or poetry, reflections on aesthetics or lyrical meditations, political writings or drama, Fernando Pessoa’s vast production drew heavily on books. In his Durban school days as in his adulthood the Portuguese poet never ceased to be a voracious, insatiable reader. Writings were interwoven with other writings, a web of known and long forgotten names – a debt to a great score of writers that in Pessoa’s craft has transformed the way in which modern literature may be read” (2012: 127).

²⁰ Maria da E. Monteiro inclui no final do seu pequeno estudo uma lista de obras que faziam parte da biblioteca pessoal de Fernando Pessoa, dando conta das anotações e comentários que o poeta deixou nas margens.

palavras de Patricio Ferrari, uma parte essencial da experiência literária de Pessoa assenta precisamente na prática da leitura como arte reflexiva, o que de certa forma lhe permitiu encontrar inspiração para expressar diferentes vozes poéticas e formas de ser. Leia-se a argumentação de Ferrari:

Out of the shelves of his library Fernando Pessoa gradually created a system of fictional writers who possessed books – reading and annotating the margins of these, their own, books (thus becoming writing-readers); in turn, influenced by some of those pages, the fictional readers composed texts (thus becoming reading-writers). In 1904, while still in high school, Pessoa began to choose the themes while shaping the poetic diction and metrical style of the first English fictional poet he voiced: Charles Robert Anon. And for this he selected a few books – material that could eventually furnish the fictional writer with a personal language.

(2012: 118)

A par das atividades de leitura e escrita, Pessoa também traduzia, tanto poesia, quanto prosa, exercitando os suas competências linguísticas e aprofundando os seus conhecimentos de métrica e ritmo (convém notar que Pessoa começou a ler e a escrever poesia numa época em que alguns poetas se haviam rebelado contra as formas fixas e a métrica regular). Ao estudar minuciosamente a biblioteca e o espólio do poeta, Ferrari sublinha a atenção especial que Pessoa dedicava a aspetos de musicalidade, ritmo, prosódia e métrica, por isso o estudo aprofundado e a tradução dos autores clássicos latinos, ingleses e franceses foi central na prática literária do poeta.²¹

A propósito das traduções de inglês para português e de português para inglês, Maria da Encarnação Monteiro enfatiza a atenção especial que Pessoa dedicada às questões formais da arte de escrever poesia, notando que as suas traduções “são apreciáveis no seu conjunto pela dupla razão da fidelidade ao espírito e forma dos originais, e da perfeição própria a cada uma como obra de arte.” (8) Pessoa traduziu extensivamente textos e autores que vão desde os clássicos aos autores modernos (Virgílio, Horácio, Catulo, Camões, Shakespeare, Baudelaire, Antero, Poe, Milton, António Boto, entre outros). Nas palavras de Ferrari, traduzir e escrever poesia “in English, Portuguese and French allowed Fernando Pessoa not only to utilize distinctive literary traditions but also to employ three different prosodic systems – each with its own linguistic and poetic rhythms” (201)²².

²¹ A propósito das traduções de Pessoa, *Poeta-Tradutor de Poetas* (1996).

²² Como lembra Claudia Fisher (2012), Pessoa traduziu em diversas línguas: do inglês e do francês para o português, do português para o inglês e francês, do grego para o inglês e do latim para o português. É relevante ainda mencionar que Pessoa também se auto-traduziu, como explica a mesma pesquisadora. Veja-se, também, Fischer (2010) para conhecer os contactos de Pessoa com a língua e cultura alemãs. Sobre a relação de Pessoa com o francês e sobre a relação entre heteronímia e heteroglossia, leia-se Quillier (2002 e 2004).

Além de ter deixado escritos em inglês e português, Pessoa escreveu também em francês, embora esta língua tenha sido, como diz Pizarro, uma “pátria mais passageira” (2012: 153). Seja como for, a edição completa dos *Poèmes français* demonstra que Pessoa continuou a escrever em francês após 1908. Reconhece-se hoje que durante 1907 e 1908, a leitura e a escrita do poeta era feita quase exclusivamente em inglês e francês. A partir de um fragmento do *Livro do Desassossego* em que Pessoa/Soares alude à questão de ter perdido o seu francês com o passar do tempo²³, Pizarro extrai uma definição de pátria nestes termos: “uma pátria será um espaço ideal de pertença, cuja perda sentimos mais intensamente, quando ocorre algum tipo de afastamento” (2012: 154). Tal afastamento materializa-se, segundo as palavras de Pessoa, no facto de ter “progredido”, de ter ficado “mais velho” e “mais practico de pensamento”. Assim, em plena idade adulta e vivendo em Lisboa, ainda que a sua produção escrita em francês tenha diminuído, Pessoa continuou a escrever em inglês. É consensual a ideia de que Pessoa nunca deixou de escrever prosa e compor poesia em inglês uma prática que manteve até ao fim da sua vida em 1935²⁴. É curioso inclusivamente notar que quando Pessoa começa a escrever português de forma mais regular, as características da língua inglesa exercem uma inegável influência, tal como já notaram vários críticos. Ferrari afirma sobre esta questão que

Towards the end of 1908 and the beginning of 1909 Pessoa began writing Portuguese lines, a creative activity he accompanied with scansion – both of his lines as well as of those by canonical Portuguese authors (e.g., Camões). But for this, remarkably, Pessoa did not limit himself to Portuguese metrical rules: Portuguese verse was scanned according (1) to rules developed by Robert Bridges for English poetry and (2) to quantity based on Classical Latin.

(2012: 175)

O fragmento do *Livro do Desassossego* acima aludido, em que Pessoa/Soares descreve a sua reação ao ter encontrado um trecho escrito por si em francês quando era adolescente, faz-nos pensar na relação entre despersonalização, passagem do tempo e uso de uma língua estrangeira. Na verdade, faz parte do senso comum a ideia de que, quando usamos uma língua que não é a nossa língua

²³ Leia-se: “Outra vez encontrei um trecho meu, escripto em francez, sobre o qual haviam passado já quinze annos. Nunca estive em França, nunca lidei de perto com francezes, nunca tive exercicio, portanto, d’aquella lingua, de que me houvesse deshabituaado. Leio hoje tanto francez como sempre li. Sou mais velho, sou mais practico de pensamento: deverei ter progredido. E esse trecho do meu passado longinquo tem uma segurança no uso do francez que eu hoje não possúo; o estylo é fluido, como hoje o não poderei ter naquelle idioma; ha trechos inteiros, phrases completas, fórmãs e modos de expressão que accentuam um dominio d’aquella lingua de que me extraviei sem que me lembrasse que o tinha. Como se explica isto? A quem me substitui dentro de mim?” (Pessoa, 2010: II, 372-373; cota 2-75^r).

²⁴ O último poema datado escrito em inglês que se conhece é de 22 de novembro de 1935.

materna, as nossas feições faciais, o movimento corporal, o tom de voz e até a nossa personalidade se alteram. Portanto, não é de admirar que Pessoa/Soares, perante esse reencontro com o trecho em francês, seja motivado a refletir profundamente sobre o “outro absoluto”, o autor daquele e de outros trechos – esse “ser alheio” que foi ele. Vejamos essa reflexão:

Bem sei que é fácil formar uma theoria da fluidez das coisas e das almas, comprehender que somos um decurso interior de vida, imaginar que o que somos é uma quantidade grande, que passamos por nós, que fomos muitos... Mas aqui ha outra coisa que não o mero decurso da personalidade entre as proprias margens: ha o outro absoluto, um ser alheio que foi meu. Que perdesse, com o accrescimo da idade, a imaginação, a emoção, um typo da intelligencia, um modo do sentimento – tudo isso, fazendo-me pena, me não faria pasmo. Mas a que assisto quando me leio como a um extranho? A que beira estou se me vejo no fundo?

Outras vezes encontro trechos que me não lembro de ter escripto – o que é pouco para pasmar –, mas que nem me lembro de poder ter escripto – o que me apavora. Certas phrases são de outra mentalidade. É como se encontrasse um retrato antigo, sem duvida meu, com uma estatura differente, com umas feições incognitas – mas indiscutivelmente meu, pavorosamente eu.

(Pessoa, 2010: II, 373)

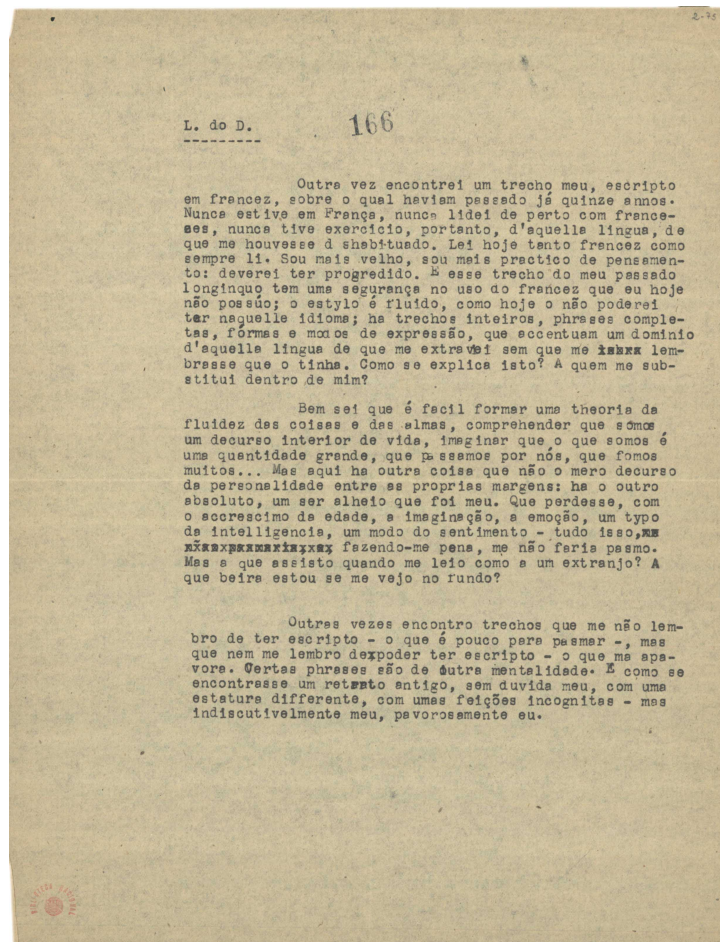


Fig. 2. BNP/E3, 2-75^c.

Não sabemos se terá sido este fragmento que inspirou tanto Alexandre Severino, como Robert Bréchon a associarem o uso do inglês ao fenómeno da heteronímia pessoana, mas o certo é que ambos o fizeram. Severino afirmo-o, de forma muito assertiva: “O aspecto inglês de sua personalidade foi um outro heterónimo, que lhe foi concedido pelo destino e do qual surgiram as várias ramificações do seu ser para sempre dividido em razão da profunda vivência cultural inglesa” (1983: 294). Já Bréchon explicou-o, usando de uma maior subtilidade: “Eu inclino-me mais para considerar que a utilização do inglês, numa obra em que predomina o português, cria uma distância análoga àquela que os heterónimos cavam entre o poeta e ele mesmo: podemos ler *Antinous* ou os *Sonetos* como poemas de um quarto heterónimo cuja ‘máscara’ não é um nome, mas uma língua” (1996: 48). Ao longo das leituras que fizemos para este trabalho, questionámo-nos várias vezes sobre este assunto e, honestamente, desconfiamos que os dois biógrafos talvez tenham exagerado um pouco ao estabelecerem tal associação. Aliás, o próprio Bréchon foi abrigado a reconhecer o facto de as duas línguas – português e inglês – serem para Pessoa consubstanciais “ao ponto de, ao escrever o rascunho de um texto em prosa, chegar a não se aperceber de que passou de uma língua para a outra” (1996: 48). Ora, o que nos parece verdadeiramente inequívoco é que Pessoa viveu, pensou e sentiu nas duas línguas. Nelas, o poeta se disse “de todas as maneiras”, afinal, “a real man cannot be, with pleasure and profit, anything than bilingual” (in Lopes, *Pessoa Inédito*, 1993: 154).

São inúmeras as reflexões de Pessoa em torno das línguas portuguesa e inglesa e é ele próprio o primeiro a reconhecer a importância destas duas línguas na sua vida e obra. Em vários fragmentos, reunidos e editados por Luísa Medeiros sob o título *A Língua Portuguesa*, Pessoa esclarece sobre as razões que o fazem optar ora por uma ou por outra língua. Tais razões estão, segundo o poeta, diretamente relacionadas com o potencial intrinsecamente imperial das duas línguas. Qualquer língua, segundo Pessoa, para assegurar a sua permanência no futuro, precisa de ter uma grande literatura, ter uma difusão natural (ou seja, ter um grande número de pessoas que a falam), ser relativamente fácil de ser aprendida e ser o mais flexível possível. Perante estas condições, o poeta afirma só haver três línguas com futuro popular – o inglês, o espanhol e o português. Como o espanhol tem pouca relevância no seu percurso individual, Pessoa concentra a sua reflexão nas restantes e declara: o inglês impõe-se como língua “científica e geral” e serve para aprender e ensinar, enquanto que o português se impõe como língua “literária e particular” e serve para expressar o que “queremos sentir” e “dizer” (in Lopes, *Pessoa Inédito*, 1993: 154; cf. 236-237). Terá sido certamente inspirado neste fragmento que Jennings formulou a seguinte conclusão: “o inglês era para ele a língua do intelecto; o português, a do coração” (*apud* Bréchon, 1996: 47).

Atento ao poder do inglês como língua de comunicação internacional, Pessoa reconhece que o português terá de partilhar com o inglês o “privilegio da

humanidade” (in Lopes, *Pessoa Inédito*, 1993: 154). Com efeito, Pessoa reserva à língua inglesa um auspicioso estatuto de universalidade no que toca à comunicação científica e à expressão da racionalidade do mundo material, no entanto, atribui ao português o estatuto de expressão universal da cultura e é nesta língua que tem sido, sem reservas, reconhecido como “génio”. O português seria, para Pessoa, a língua que materializaria o “imperialismo dos poetas”, só realizável por um nação pequena, como Portugal. Num artigo intitulado “Um imperialismo de poetas. Fernando Pessoa e o imaginário do império”, Maria Irene Ramalho alude precisamente a esta questão, comentando:

Uma vez que o inglês, “a língua mais rica da Europa”, na curiosa opinião de Pessoa, “enferma de uma estrutura do verbo relativamente acanhada”, só a língua portuguesa detém a “capacidade imperial”. Esta é também mais uma razão por que o bilingue Pessoa adota como sua pátria a língua portuguesa e nela deliberadamente escreve, não só o poema inequivocamente imperial, mas também a poesia mais complexa dos heterónimos.

(1995: 71-72)

Em suma, ainda que tenha intensificado o uso do português na sua escrita poética, fica claro para os autores que lemos ao longo da elaboração desta breve reflexão que Pessoa foi bilingue e bicultural até ao fim da sua vida. De facto, como explica George Monteiro: “As últimas palavras que escreveu, garatujadas a lápis na véspera de morrer, foram, fazendo jus ao bilinguismo e biculturalismo do poeta, em inglês: *I know not what to-morrow will bring*” (2013: 53). Este episódio serve frequentemente de conclusão aos diversos comentários, mais ou menos extensos, que vários pessoanos já teceram sobre o bilinguismo do poeta, pelo que tomamos a liberdade de terminar com as palavras de Eduardo Lourenço que encerram o último ensaio de *Pessoa Revisitado*: “Morreu *em inglês* aquele que foi uma espécie de aparição fulgurante descida de brumas culturais alheias ao nosso desterro azul, para nele inscrever em portuguesa língua o mais insubordinável poema jamais erguido à condição exilada dos homens na sua própria pátria, o universo inteiro” (2000: 193).

Bibliografia

- ALMEIDA, Onésimo (2014). *Pessoa, Portugal e o Futuro*. Lisboa: Gradiva.
- BLANCO, José (2008), "Fernando Pessoa's Critical and Editorial Fortune in English: A Selective Chronological Overview," in *Portuguese Studies*, vol. 24, n.º 2, pp. 13-32.
- BRÉCHON, Robert (1996). *Estranho Estrangeiro: uma biografia de Fernando Pessoa*. Tradução de Maria Abreu e Pedro Tamen. Lisboa: Quetzal Editores.
- FERRARI, Patricio (2012). *Meter and Rhythym in the Poetry of Fernando Pessoa*. Universidade de Lisboa. Tese apresentada no Departamento de Linguística.
- LOPES, Teresa Rita (1993) (coord.). *Pessoa Inédito*. Lisboa: Livros Horizonte.
- LOURENÇO, Eduardo (2000). *Pessoa Revisitado*. 3.ª edição. Lisboa: Gradiva.
- MONTEIRO, George (2013). *As Paixões de Pessoa*. Tradução de Margarida Vale de Gato. Lisboa: Ática. Ensaística Pessoaana; coordenação, Jerónimo Pizarro.
- ____ (1998). *The Presence of Pessoa: English, American, and Southern African Literary Responses*. Lexington: The University Press of Kentucky.
- MONTEIRO, Maria da Encarnação (1956). *Incidências Inglesas na Poesia de Fernando Pessoa*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- PESSOA, Fernando (2014). *Poèmes français*. Édition établie et annotée par Patricio Ferrari, avec la collaboration de Patrick Quillier. Préface de Patrick Quillier. Paris: Éditions de la Différence.
- ____ (2010). *Livro do Desasocego*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda. Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior, vol. XII.
- ____ (2007). *Poesia Inglesa*. Edição de Richard Zenith; tradução de Luísa Freire. Lisboa: Assírio & Alvim. Obra essencial, n.º 6.
- ____ (2006). *Fernando Pessoa: A Little Larger Than the Universe*. Translated by Richard Zenith. New York: Penguin Books.
- ____ (1999). *The Mad Fiddler*. Edição de Marcus Angioni e Fernando Gomes. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior, vol. III, tomo 3.
- ____ (1998). *Fernando Pessoa & Co: selected poems*. Translated by Richard Zenith. New York: Grove Press.
- ____ (1997a). *A Língua Portuguesa*. Edição de Luísa Medeiros. Lisboa: Assírio & Alvim.
- ____ (1997b). *Poemas de Alexander Search*. Edição de João Dionísio. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior, vol. III, tomo 2.
- ____ (1996). *Poeta-Tradutor de Poetas: os poemas traduzidos e o respectivo original*. Edição de Arnaldo Saraiva. Porto: Lello Editores.
- ____ (1993). *Antinous. Inscriptions. Epithalamium. 35 Sonnets*. Edição de João Dionísio. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior, vol. III, tomo 1.
- PIZARRO, Jerónimo (2012). *Pessoa Existe?* Lisboa: Ática.
- PIZARRO, Jerónimo; FERRARI, Patricio; CARDIELLO, Antonio (2010). *A Biblioteca Particular de Fernando Pessoa*. Bilingual edition. Lisboa: D. Quixote.
- RAMALHO, Maria Irene (1995). "Um imperialismo de poetas. Fernando Pessoa e o imaginário do império", in A. M. Hespanha (coord.). *Penélope: fazer e desfazer a história*, n.º 15, pp. 53-77. Cf. <http://www.penelope.ics.ul.pt>
- SARAIVA, Arnaldo [1975]. *Bilinguismo e Literatura*. Porto: s.n.
- SEVERINO, Alexandre E. (1983). *Fernando Pessoa na África do Sul: a formação inglesa de Fernando Pessoa*. Lisboa: Dom Quixote.

- SILVESTRE, Osvaldo (2008). “A minha pátria é a língua portuguesa (desde que a língua seja minha)”, in R. M. Goulart, M. Fraga, P. Menezes (org.), *O Trabalho da Teoria: actas do colóquio em homenagem a Vítor Aguiar e Silva*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, pp. 231-239.
- SENA, Jorge de (1984). *Fernando Pessoa & Cª heterónima*. 2.ª edição. Lisboa: Edições 70.
- ZENITH, Richard (2013). “Pessoa é essa papelada sem fim”, in *Público (Ipsílon)*, Lisboa, Sexta-feira 18 de Janeiro, pp. 16-19.

Outras referências

- HAKUTA, K. (1986). *Mirror of Languages: the debate on bilingualism*. New York: Basic Books.
- BHATIA, Tej K. e William C. Ritchie (2005) (eds.). *The Handbook of Bilingualism*. Oxford: Blackwell Publishing.
- FISCHER, Claudia J. (2012). “Auto-tradução e experimentação interlinguística na génese d’O Marinheiro de Fernando Pessoa”, in *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 1, pp. 1-69.
- ____ (2010). “Fernando Pessoa, leitor de Schiller,” in *REAL. Revista de Estudos Alemães*, n.º 1, Julho, pp. 54-70.
- FORSTER, L. (1970). *The Poet’s Tongues: multilingualism in literature*. Cambridge: Cambridge University Press.
- FREIRE, Luísa (2004). *Fernando Pessoa: entre vozes, entre línguas (Da poesia inglesa à poesia portuguesa)*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- QUILLER, Patrick (2004). “Plus d’une langue... (À propos de l’hétéroglossie chez Fernando Pessoa)”, in *Pluralité des langues et mythe du métissage. Parcours européen*, Judit Karafiáth et Marie-Claire Ropars (éds.). Vincennes: Presses Universitaires de Vincennes, pp. 89-110.
- ____ (2002). “Aux frontières de la littérature: les poèmes français de Fernando Pessoa”. Bruxelles: Délégations de l’Institut Camões en Belgique, pp. 1-16.